



Uma lua no meio da água

Matos Matosse



O jogo de *txuva*¹ que decorria, ali, debaixo de uma grande mafurreira, estava, já, nos minutos finais, quando o Américo Mudjovo, um ancião muito respeitado em toda região do Guijá, começou a se sentir indisposto. A sua espinha dorsal, em forma de arco, parecia a se quebrar. Repentinamente, uma névoa de tontura invadiu-lhe o cérebro. Quase ficou cego. Parou. Não se mexia. A sua língua parecia-lhe uma borracha, sem nenhuma utilidade. Não falava. Os companheiros do jogo ficaram preocupados. Todos se levantaram, de súbito, e deram-lhe o apoio.

– Mudjovo, está bem? – perguntou-lhe, o Acácio, mais conhecido por tio Marandza. Não lhe respondeu. Continuou parado, sem se mexer.

– Mudjovo, Mudjovo, está bem? – insistiu o tio Marandza. O Mazivila deu-lhe umas palmadinhas nas bochechas. Parece tê-lo reanimado. Ergue a cabeça, lentamente. Com algum esforço, tentou balbuciar algumas palavras. Os seus olhos desapareceram no céu. Apontou a lua. Começava a obnubilar. A mão navegava no ar; trémula. Era como se estivesse à procura de alguma coisa num lugar escuro. Depois, balbuciou:

– *A nwentí xicari ka mati*². – esta afirmação acolheu, de surpresa, os seus companheiros. Não sabiam o que aquilo significava. Nunca tinham ouvido esta expressão: *a nwentí xicari ka mati*. Segundo os mais velhos, significava que iria chover, torrencialmente. Haveria inundações. Embora não tivessem o conhecimento das causas deste fenómeno meteorológico, a previsão nunca lhes falhava. Esta capacidade de ler e interpretar astros vinha dos seus antepassados. Ele sabia dizer horas, exactas, interpretando, simplesmente, a posição da sombra projectada pela luz do sol. Isto era

¹ Jogo tradicional.

² A lua está no meio da água.

feito, espetando-se paus na terra. Os seus companheiros do *txuva* não sabiam disto. Mesmo aqueles que eram, já, de idade avançada. Esta sabedoria não era mais transmitida para novas gerações. Aliás, com a nova dinâmica da vida, os mais novos preocupavam-se com outras coisas. A escola era a ocupação predileta.

Todas as tardes, juntavam-se, ali, até ao pôr do sol, para jogar *txuva* e outros para jogar *muravarava*³. Raras vezes, juntavam-se os jovens. Estes dedicavam-se, nos tempos livres, jogando a bola, ao redor.

Dispersam-se, forçados pela mudança de tempo.

Instantes seguintes, um manto preto cobre o céu e move-se, disformemente.

Pouco a pouco, o manto ia-se engrossando e movia-se, rapidamente. A lua que, há pouco, espreitava, para a alegria dos novos namorados, já, não se via. Nem as pouquíssimas estrelas, dispersas, resistiram ao manto escuro. A região foi assolada pelos ventos, que cresciam de uma forma assustadora. Ventos fortes. Muito fortes.

Começa a chover. A trovoada rasga o céu, severamente. A zona toda tornou-se assustadora. Perdeu o brilho. A vida. As pessoas, nas ruas, corriam para as suas casas, desesperadamente; outras saíam das suas casas para algum lugar seguro. A raiva do vento arrancava a cobertura das casas, derrubava as árvores. E misturava-se ao roncar ensurdecedor da chuva; às *vuvuzeladas* da trovoada; à vozeria de pessoas que, sem norte, assistiam às suas casas a serem destruídas; algumas paredes desabavam sobre as pessoas de todas as idades: crianças, mulheres, idosos. As águas formavam rios e abriam grandes crateras.

– Meu Deus! O que é isto? – exclamou um jovem, preocupado com o que estava a acontecer. Pareceu que nunca tivesse visto uma situação igual. Assistia-a sem nada a fazer.

Ao longe, havia um armazém que pertencia à Fábrica de Descasque e Processamento de castanha de caju. O armazém fornecia alguma resistência. Foi construído no tempo colonial. Não era tão grande, assim. Mas, em momentos de crise, como a que se assistia, dava para acolher um número razoável de pessoas em perigo de vida. Uns refugiavam-se às árvores para se escapar da corrente intensa das águas que arrastava, furiosamente, consigo troncos, vários objectos, como portas que se desprendiam das paredes, painéis, roupas, cadeiras plásticas e as de madeira; gado, patos, cabritos, etc.

³ Dama.

O Mário, que se cuidava por cima de uma árvore, vê um objecto a ser arrastado. A visibilidade não lhe permite distingui-lo, nitidamente. Um grito, moribundo, chegou aos seus ouvidos como se ele estivesse a sonhar. O grito, moribundo, voltou a bater nos seus ouvidos.

– Não, não, não pode ser!... É uma criança. – falava sozinho, em voz baixa. Mas foi suficiente para o Almeida que, também, estava na mesma árvore, porém, noutra ramo, ouvisse. Ao lado da árvore, onde estava o Almeida e o Mário; havia três mulheres e um homem. As mulheres chamavam-se Alda, Maria das Rosas e Rosinha. O homem era alcunhado de Matatangule. A Alda e a Maria das Rosas eram esposas do Matatangule; a Rosinha a única filha da Alda. Daquela árvore, assistiam, dolorosamente, à destruição das suas duas casas. A Maria das Rosas viu uma cobra que se escondia, inofensiva, num ramo que atravessava rente à sua cabeça; gritou de susto – cobra!... –, e desequilibrou-se. O homem precipitou-se, para ampará-la. A cobra continuava, ali, tranquila, *sem* veneno para lançar. Naquela situação, não existiam inimigos. Não havia tal necessidade. Os seus olhinhos pareciam acender, quando fossem aluminaados pelos feixes do relâmpago. A mulher tremia. Não parava de tremer. E não tirava os olhos, fitos, na cobra.

– O quê? – perguntou-lhe o Almeida, com alguma preocupação.

– Não vejo bem, mas acho que aquilo é uma criança a ser arrastada pelas águas. Ouvi o grito.

– E agora? O que fazemos? – indagou-lhe, o Almeida. Enquanto isso, o caudal ia multiplicando a sua irra; e a cada segundo que a chuva descarregava, fortemente, criava-se uma cortina que dificultava, perigosamente, a visibilidade. – Vamos descer e seguir o grito.

– Mas as águas...? – o Mário parece estar com cagufas. Não parecia ser o mais velho que o Almeida. O Almeida era corajoso. Foi criado pelos avós paternos. Desde cedo, entregou-se aos trabalhos de casa e à machamba, para ajudar os seus avós. Cuidava, igualmente, do rebanho que, geralmente, era tarefa realizada pelos mais velhos. Isto fez que ele se tornasse um homem maduro. Corajoso. Empático.

O Almeida saltou da árvore. E ordenou que o Mário, também, descesse. O Mário vence o medo. Ambos seguem pelas tumultuosas águas que correm como um rio, descomandado; um rio cujas supostas margens foram todas engolidas. Todo pátio está inundado. Os caminhos desapareceram. Não se distingue as grandes crateras abertas pela torrente das águas. O barulho que as águas produzem – ao se esbarrar com grandes objectos ou ao afundar nas crateras – faz que se perca o grito da criança que nelas baloiça. A criança é encambulhada por um ramo quebrado. Era de

um canhoeiro grande. Tinha mais de vinte e cinco anos. Viu muitos rituais de *kuphalha*⁴ a serem realizados. Reconstituía as feridas causadas pelas catanas com as quais os homens desferiam golpes, para remédio. Resistiu a tempestades, claro, não tão violentas como as deste ciclone.

– Está aqui? – grita, o Almeida, apontando com o dedo indicador da mão direita.

– É mesmo uma pessoa?

– Não sei. Deixe-me aproximar. – aproximou-se, lentamente, apoiando-se em alguns galhos.

A criança foi encontrada, presa, ali, num ramo. Inerte. Já não gritava. Porém, os seus pulmões, ainda, moviam-se, lento e intermitentemente. Às vezes, paravam.

– É uma criança. – gritou, o Almeida, desesperado. A sua valentia parece ter sido vencida ante à situação que depara.

Tirou-a das águas. As roupas dela estavam todas rasgadas. Examinou-a a respiração. Descobre que, ainda, está viva, graças a Deus. Tira a sua camisa para a cobrir. O Mário assistia tudo com compaixão. Também, sensibilizou-se. Tirou a sua camisa para reforçar. A criança não parava de tremer. Tremia, tremia como um motor velho de um *xicorocoro*⁵.

Um problema levanta-se: para onde eles haviam de levar aquela criança? Era arriscado caminhar naquelas condições. As águas inundaram tudo. A zona tornou-se uma coisa sem vida. Reina o ruído do vento; a canção desarmónica das águas, quando se tropeçam em objectos arrastados. A escuridão tomava conta. Os contáveis postes de transporte de energia eléctrica não resistiram. Tombaram. A única luz que, às vezes, iluminava, instantaneamente, era a de alguns relâmpagos. Para além disto, o centro de saúde localizava-se longe do lugar onde eles se encontravam. Não se tinha a certeza de que o centro de saúde estaria aberto e intacto. A tempestade severa destruiu tudo. As águas que transbordavam do rio Limpopo, que atravessa o distrito e serve do limite natural entre Chokwé e Guijá, inundaram as machambas; diversas culturas de milho, amendoim, gergelim, arroz, pepino, *mboa*, *nhangana*, abóboras foram arrasadas.

O Almeida e o Mário caminham por entre os escombros; esquivam as barricadas que as águas ergueram. A caminhada exige-se-lhes muita atenção.

Com dificuldades chegam. Uma parte do centro desabou. A corrente eléctrica está cortada. A luz improvisada era de um candeeiro a petróleo. Há muitas pessoas que aguardavam pelo

⁴ Ritos de evocação dos espíritos.

⁵ Um carro velho.

atendimento médico. O número dos agentes de saúde era reduzido. Os que se encontravam, ainda ali, são os que não conseguiram sair, quando a tempestade começou.

Finalmente, a chuva diminui a sua raiva. Porém, a trovoada continuava rugindo, ébria, como um leão faminto. Neste momento, as estruturas locais, junto com os técnicos do INGD recolhiam informações. Praticamente, nada sobrou. As quatro escolas primárias foram, totalmente, destruídas. A escola secundária ficou com toda a cobertura destruída. Corpos por entre escombros.

Na sequência, o Almeida que tinha ficado com a criança, para os exames médicos, volta com uma notícia triste. A criança não resistiu aos choques; à hipotermia. Morreu.

Morreram, igualmente, outras crianças e outras pessoas, sobretudo, os idosos.

As entidades de saúde, receando que houvesse surto de cólera e malária, tomaram, com urgência, precauções, distribuindo certezas e cloro.

Matos Matosse

Maputo, 20/01/2025

Autor

Matos Matosse

Professor, escritor e ensaísta literário. É membro fundador do Círculo Académico de Letras e Artes de Moçambique, CALAM. <chonape.matosse@gmail.com>+258 844164395 Moçambique-Maputo.